

QUAL ESQUERDA MORREU?

Em fevereiro de 2024, em entrevista, o Prof. Vladimir Safatle afirmou que “[...] a esquerda brasileira morreu como esquerda”¹ e completa dizendo que hoje a esquerda tem como pauta a defesa do Judiciário, dos direitos morais, das instituições, da normalidade democrática e dos contratos. Conclui perguntado: “[...] Como é que a gente pode ser antissistema? Isso não tem o menor sentido. Por isso que a esquerda morreu”.

Em março de 2014, num texto, chamado “FEMINISMO E EQUIVALÊNCIA MATERIAL”², escrevi que “[...] hoje a luta de classes foi substituída pelas questões de gênero, etárias e pela convergência da classe média no reformismo do sistema capitalista”. E que, “[...] por essa convergência classista e esse moralismo caritativo, pautas identitárias, etc., a esquerda está definhando”. Portanto, concordo com o prof. Safatle que a esquerda morreu. Essas pautas são muito importantes. Mas, não se pode esquecer que existem mulheres operárias e mulheres empresárias, etc., etc. Então, cabe perguntar: Qual esquerda morreu?

O que podemos observar é que, com a virada do século, de certa forma, as pautas da esquerda e direita se inverteram. Pelo menos superficialmente. Então, sem nos aprofundarmos muito, vejamos. O que a direita, seguindo o pensamento maxista, afirmava sobre o Estado no século passado? Diziam: Temos que ter um Estado forte para garantir a soberania nacional. Gostemos ou não, aqueles militares do século passado eram nacionalistas e estatizantes. E, esse nacionalismo estatizante selou o fim da ditadura militar de 64. E a esquerda rebatia: O Estado é ladrão, que ajuda roubar os trabalhadores. Pois, é o Estado que, com sua superestrutura, garante o sistema capitalista de dominação de classe, que administra e garante os interesses da burguesia. Hoje, o que diz o a direita? Diz que o Estado é ladrão e tem que ser mínimo. Obviamente, considerando que o capital viveu, vive e sobrevive da espoliação do Estado, deve-se perguntar: Mínimo para quem? A resposta é simples: Para os pobres. E a esquerda socialdemocrata, seguindo o pensamento de Eduard Bernstein, rebate: Temos que ter um Estado forte para garantir soberania alimentar e ajudar na distribuição de renda e justiça

¹ Vide: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2024/02/esquerda-morreu-e-extrema-direita-e-unica-forca-real-no-pais-diz-safatle.shtml>

² Vide: <https://acslogos.com.br/feminismo-e-equivalencia-material/>

social. Portanto, o Estado deixou de ser um inimigo e passou ser um aliado dos trabalhadores a superação do anárquico capitalismo.

Outra pergunta que pode ser feita é: Por que a extrema-esquerda, por exemplo, o PCO e o PSTU, que são partidos revolucionários, apoiam o discurso da extrema-direita? Por uma razão simples. O que sustenta o capitalismo não é o capital, é o Estado com sua superestrutura. Se destruir o Estado, destrói o capitalismo. E é isso que o neoliberalismo está tentando fazer. Pois, o liberalismo clássico, jamais abriria mão, por exemplo, do monopólio da violência, pelo Estado, como o neoliberalismo, com sua sanha privatista, está fazendo. Então, por interesse diverso, discursivamente, a extrema-esquerda se alia à extrema-direita numa tentativa de destruição do Estado e com ele (Estado) o capitalismo. Em 2013, já apontara essa aliança no texto, cujo nome é “AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 E AS MINHAS DESCONFIANÇAS”³. Nesse texto escrevi que, como um movimento, desse porte, demanda muito dinheiro, a extrema-esquerda atuava “[...] como vanguarda, como linha de frente. E, (...) a extrema-direita atuava como comandante e financiadora da empreitada”. Outro exemplo do andar de “mãos dadas” dos extremos foi no plebiscito das armas, em 2005, no qual a extrema direita do Ronaldo Caiado se uniu com o PSTU, pela liberação das armas.

Outra coisa que podemos apontar é que a Direita tem um projeto individualista, porém, claro e realista. Esse projeto é realista porque aponta que no sistema capitalista não há espaço para todos. Alguns serão salvos e outros estão condenados à exclusão, à aniquilação. Como diz o prof. Safatle é um projeto de cada um por si, eu completo, e Deus por si. Pois, o que comanda e manda nesse projeto é o empreendedorismo, que se não der certo, a responsabilidade é do empreendedor, que foi incompetente. Mas, ele pode buscar ajuda no transcendente, no divino. Como aponta o prof. João Cezar de Castro Rocha⁴, aí entram as igrejas neopentecostais, com sua teologia da prosperidade e com seu projeto dominionista. Ou seja, dominar os “Sete Montes” ou, mais precisamente, dominar as sete áreas

³ Vide: <https://acslogos.com.br/as-manifestacoes-de-junho-de-2013-e-as-minhas-desconfiancas/>

⁴ Vide: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/28/se-nao-reagirmos-em-15-anos-nao-havera-mais-democracia-no-mundo-diz-historiador/>

sociais: A Família, a Religião, a Educação, a Política, as Comunicações, as Artes e a Economia, sobre as quais não comentarei.

E a esquerda socialdemocrata? A esquerda socialdemocrata ainda não tem um projeto coletivo para se contrapor a esse individualismo. A esquerda socialdemocrata, além da defesa intransigente da democracia classista, tenta através de reformas pontuais, evitar ou diminuir as crises do capitalismo que, do ponto de vista marxista, é impossível. O agravante é que a democracia classista pressupõe o exercício de direitos pelos cidadãos, coisa que não acontece nas periferias das grandes cidades. Isso abre espaço para o avanço do projeto da extrema-direita nessas comunidades.

Para finalizar, devemos apontar que, atualmente, a esquerda socialdemocrata defende com “unha e dentes” a democracia burguesa que, no século passado, abominava-a. E mais, embora a esquerda socialdemocrata não pregue a conciliação de classe social, ela aceita e defende uma sociedade classista. Então, o que se pode criticar na esquerda socialdemocrata, é essa falta de um projeto coletivo claro que atrai a grande massa das periferias.

Agora já podemos responder a pergunta feita no início deste texto. A esquerda que morreu, e não há como ressuscitá-la, é aquela que, no século passado, usava a tática da luta armada para tomar o poder e instalar a ditadura do proletariado. Tática essa usada pelos povos que lutavam contra o colonialismo, que era a guerra de guerrilha e foi adotada pelos grupos de vanguarda revolucionários da América Latina. Falando em ditadura, vale lembrar as palavras de Bakunin que, ao criticar a ideia marxista de ditadura do proletariado, escreveu “[...] nenhuma ditadura pode ter qualquer outro objetivo para além de sua autoperpetuação, ela pode apenas levar à escravidão o povo que tolerá-la”⁵. Nisso Bakunin estava correto. Portanto, morreu a esquerda da ditadura do proletariado.

Embora, a esquerda socialdemocrata tenha trocado a palavra socialismo, pela palavra democracia, e esteja com dificuldades, como as apontadas acima, segue viva e lutando por uma sociedade mais democrática, mais justa e menos excludente.

Curitiba, setembro de 2025.

⁵ Mikhail Bakunin. Estatismo e Anarquismo.